

Um oceano para ensinar

Edição nº2: Escorpião-vela | março de 2022



Oceanário de Lisboa
Sempre diferente.

Escorpião-vela

envolver

Nome comum **Escorpião-vela**

Nome científico ***Nautichthys oculofasciatus***

Dieta **Pequenos crustáceos**

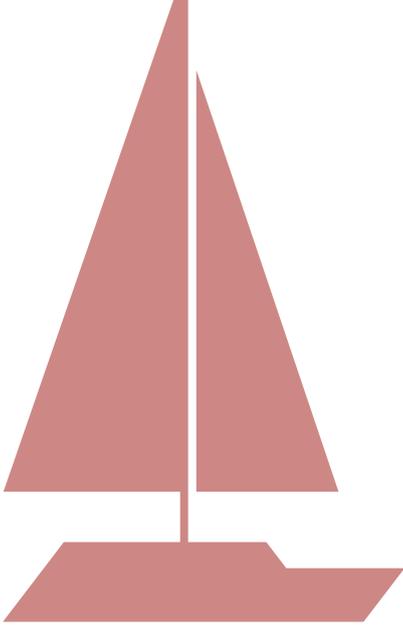
Tamanho **Até 20 cm**

Habitat **Recifes rochosos, zonas intertidais e poças de maré**

Profundidade **Até 110 m**

Distribuição **Pacífico Oriental**

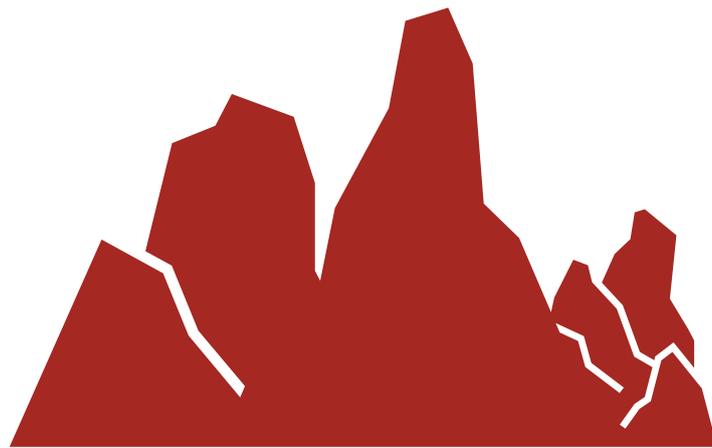
Estatuto de conservação **Pouco preocupante**



Porque se chama escorpião-vela?

O escorpião-vela deve o seu nome à longa barbatana dorsal, que ergue quando nada e faz lembrar a vela de um barco. Esta é também usada para atração de parceiros na época de reprodução. A enorme banda preta ao longo do olho e da cabeça é também uma característica desta espécie. Este peixe camufla-se entre rochas e cracas, saindo durante a noite para capturar as suas presas, com movimentos rápidos e, escondendo-se de seguida. Pode ainda ser encontrado de cabeça para baixo, no topo de grutas ou rochas.

explorar



Onde vive o escorpião-vela?

Esta espécie geralmente habita em recifes rochosos ou nas zonas entremarés rochosas. Estes locais têm uma grande importância biológica. Além de servirem de zona de berçário e de refúgio, também albergam uma grande biodiversidade. Nas zonas entremarés, ou intertidal, podem formar-se poças de maré, chamadas de enclaves do intertidal, que servem de «janelas» para o fundo do mar.

As condições abióticas destas zonas, em particular das poças de maré, são muito exigentes pois incluem largos gradientes térmicos, salinos, de humidade e de hidrodinamismo, que variam ao longo do dia, do ano e de forma repentina. As relações de competição e predação também apresentam um desafio aos organismos que aqui vivem, pois têm lugar num espaço confinado e muitas vezes sem escapatória durante o período de baixa-mar. Tudo isto leva a que os organismos que aqui habitam sejam conhecidos pelas suas adaptações que lhes permitem resistir a períodos alternados de imersão-emersão.



Em Portugal existem poças de maré?

Apesar de o escorpião-vela não ocorrer em Portugal, podemos encontrar o seu *habitat* no nosso país. Ao longo da costa, existem inúmeras plataformas rochosas, onde se formam poças de maré, que podem ser facilmente visitadas. Aqui, podem encontrar-se representantes dos diferentes grupos de fauna e flora marinha, como algas verdes, vermelhas e castanhas, esponjas, anémonas, mexilhões, lingueirões, ouriços e estrelas-do-mar e ainda caranguejos, camarões e pequenos peixes.

Nestes ambientes, pode observar-se uma zonação clara dos organismos, de acordo com as suas características. Por exemplo, no caso das anémonas, apenas as espécies que conseguem recolher os próprios tentáculos, para evitar a dessecação quando emersas, ocorrem nas faixas superiores do intertidal, como o tomate e o morango-do-mar.



Livro do mês

Nesta edição, sugerimos a leitura do livro «O Pássaro da Avó», de Benji Davies, incluído no Plano Nacional de Leitura. Uma história recomendada para o primeiro ciclo de escolaridade e preparada para uma leitura orientada. Neste livro, os alunos irão explorar as poças de maré com o Noé, um rapaz que não sabe o que pensar da avó que faz sopa de algas, ressona como uma morsa e nunca tem tempo para brincar. Para os alunos do segundo ciclo, recomendamos a leitura da obra «A menina do mar», de Sophia de Mello Breyner Andersen, que mergulha os leitores numa história de amizade entre uma menina e os animais marinhos.

Atividade do mês

Este mês sugerimos que o professor dinamize uma saída de campo a uma zona entremarés, adequando o conteúdo ao grau de ensino que leciona.

Questão-problema

Como é a biodiversidade na zona entremarés?

Materiais

Calçado fechado com sola de borracha [galochas], camaroeiros, baldes, caderno de registos, lápis e máquina fotográfica.



Desenvolvimento da atividade

O grupo deve procurar pequenas poças, onde pode encontrar algas e pequenos animais representativos da biodiversidade desta zona costeira. O professor pode ajudar a identificar invertebrados, como anémonas, ouriços-do-mar, estrelas-do-mar, caranguejos, búzios, lapas, cracas e ainda pequenos peixes adaptados à subida e descida da maré, como os cabozes.

Os alunos devem escolher um dos organismos e registar o que observaram, seja numa ilustração ou numa fotografia. Além disso, os alunos mais velhos podem escrever elementos referentes ao modo como se desloca (ou se é de vida fixa) e à forma do seu corpo. As observações devem ser feitas num caderno de registos, criado previamente para esta atividade.

Na sala de aula, os alunos podem organizar as espécies observadas de acordo com as suas características: vertebrado/invertebrado, móvel/séssil, patas/barbatanas. Devem ainda discutir em grupo as adaptações dos organismos observados à vida entremarés.



Sabia que no Oceanário se faz a reprodução do escorpião-vela?

Atualmente, todos os indivíduos escorpião-vela, presentes na exposição, nasceram no Oceanário, em 2020. Embora o estatuto de conservação não indique que esta espécie esteja ameaçada, o conhecimento adquirido e a capacidade de completar o seu ciclo de reprodução em aquário, servem de base para a conservação desta e de outras espécies.

O que faz o Oceanário?

O Oceanário apoia diversos projetos de conservação que contribuem ativamente para o aumento do conhecimento científico. O projeto «Rebreath: Recifes intertidais, berçários em regiões temperadas», coordenado pelo MARE/ISPA-IU, pretende monitorizar o efeito das alterações climáticas sobre as comunidades de peixes e invertebrados juvenis de águas temperadas do intertidal rochoso [zonas entremarés].

O projeto existe desde 2009 e contempla recolhas quinzenais de dados na Área Marinha Protegida das Avencas - AMPA. O apoio financeiro do Oceanário a este projeto, no âmbito da sua missão, permite continuar a avaliar as comunidades de peixes e a recolha de dados científicos; a expandir o trabalho de campo para a zona subtidal [zona sempre submersa]; a sequenciar o ADN em laboratório para identificação de espécies; e a desenvolver uma *app* para que os investigadores possam poupar tempo e reduzir a margem de erro nos registos de dados no campo. Os resultados deste projeto contribuem, assim, para a conservação das comunidades costeiras locais, com especial incidência na AMPA.



Uma forma de proteger a biodiversidade é conhecê-la, sem a ameaçar. Fique a conhecer algumas boas práticas para uma saída de campo a uma plataforma rochosa:

- / Escolher uma zona de fácil acesso com poças de maré de diferentes dimensões, facilitando a observação dos organismos sem necessidade de os capturar ou com recurso a máscara ou óculos de mergulho. As zonas balneares circundadas por rocha são as mais adequadas para esta atividade.
- / Consultar previamente a previsão de marés referente ao porto mais próximo do local a visitar, numa tabela de marés ou no sítio do Instituto Hidrográfico Português [www.hidrografico.pt].
- / Agendar a visita uma hora antes e uma hora depois da maré vazia [hora da baixa-mar], tendo em atenção a altura da maré para que a porção emersa deste ecossistema seja maior e se consigam observar mais organismos. As marés mais baixas dão-se durante as marés vivas, ou seja, nos períodos de lua cheia ou de lua nova.
- / Caminhar com cuidado sobre as rochas, individualmente e com as mãos fora dos bolsos, para melhorar o equilíbrio, evitando pisar zonas cobertas de algas, pois poderão ser escorregadias.
- / Não pisar organismos que se encontrem sobre as rochas, como cracas, lapas ou anémonas.
- / Evitar tocar em espécies que não se reconheçam, pois podem ser urticantes, como o verme-do-fogo, as anémonas e as medusas.
- / Para facilitar a observação de animais móveis, usar um camaroeiro e um balde com água da respetiva poça. Não os manter demasiado tempo dentro do balde. Após a observação, devolver os organismos à «sua casa» de imediato.
- / As rochas, quando levantadas para procurar animais, devem voltar a ser dispostas como estavam, pois podem ser abrigos ou mesmo ninhos de muitos organismos.
- / Não virar as costas ao mar e manter a atenção à subida da maré e ao hidrodinamismo.
- / Se possível, sem pôr em causa a segurança, apanhar o lixo encontrado durante a visita.